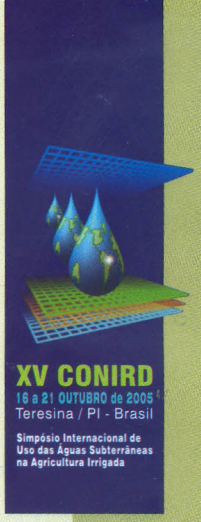
Seminário II

18/OUT/2005 – 14h às 16h



FRUTICULTURA IRRIGADA: EXPERIÊNCIAS DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E PARNAÍBA

Coordenador

***Lucas Antonio de Sousa Leite**, chefe-geral da Embrapa Agroindústria Tropical, Fortaleza, CE.*

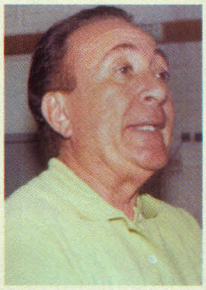
Engenheiro Agrônomo, com mestrado em Fitotecnia, pelo Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará. Possui doutorado em Economia, pela Universidade Estadual de Campinas, e curso de especialização em Marketing para Gestão Empresarial, pela Universidade de Santa Catarina. Atuou na coordenadoria do curso de pós-graduação em Engenharia da Produção, junto ao laboratório de ensino à distância.

"A fruticultura no Vale do São Francisco e no Vale do Parnaíba proporcionou avanços significativos para o agronegócio nordestino e modificações importantes nos municípios pólos, onde foi implantada essa atividade. Esse painel, pela competência dos palestrantes envolvidos, será bastante elucidativo sobre as tecnologias utilizadas, o nível de organização da produção, a governância das cadeias produtivas, os mecanismos de acesso ao mercado nacional e internacional, enfim dos desafios, oportunidades e resultados alcançados. A comparação dos dois casos proporcionará evidências didáticas sobre os fatores críticos de sucesso nesse tipo de empreendimento."

Palestrantes

***José Alberto Coelho Paz**, professor universitário, médico nefrologista, empresário e um dos sócios da Frutas do Nordeste do Brasil S. A. (Frutan Brasil).*

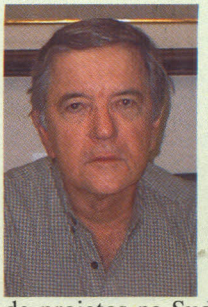
"A Frutan detém hoje um dos maiores índices exportáveis de limão Tahiti do País. Enquanto a maioria das exportadoras brasileiras mantém seus índices em torno de 14%, a Frutan ultrapassa 50%,



isto é, de cada tonelada produzida, exporta mais de 500 quilos. Essa empresa é uma das pioneiras do agronegócio irrigado na região do Semi-Árido.

O mais grave do pedágio do pioneirismo é não saber aonde buscar a solução para os problemas que surgem. Por que limão funciona bem no Semi-Árido do Piauí e manga não? Na verdade, não sei se manga não funciona bem aqui, o problema maior é que a área plantada é enorme para o tamanho do mercado. São muitas as dificuldades de manutenção de um *packing house* para produzir em um curto período e aproveitar as chamadas 'janelas' de mercado."

***José Gualberto de Freitas Almeida**, presidente da Valexport e do Instituto do Vinho do Vale do São Francisco.*



Engenheiro industrial e metalúrgico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Consultoria Empresarial pela Universidade de Delf (Holanda) e Universidade de São Paulo. Foi professor de Administração da Produção na Universidade de Pernambuco (Fesp) e analista de projetos na Sudene. Ocupou inúmeros outros cargos e funções, como a diretoria executiva do Grupo Milano e a gerência regional do Bansulvest. Foi secretário da Agricultura de Pernambuco e prefeito de Santa Maria da Boa Vista (PE). É membro do conselho assessor externo da Embrapa. Foi diretor da Vinícola do Vale do São Francisco, que iniciou, na década de 80, a produção de vinhos finos no Vale do São Francisco, tendo entre suas marcas o premiado Botticelli.

Debatedores

José Maria Marques de Carvalho, *coordenador do Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Nordeste (Fundeci) do Banco do Nordeste.*

Formado em Agronomia e em Economia pela Universidade Federal do Ceará, com cursos de especialização. Sua vida profissional começou como agrônomo no Instituto Baiano de Crédito Rural e depois no Banco do Nordeste do Brasil S. A. como especialista em Administração Rural, passando por inúmeros cargos e experiências. Trabalhou como pesquisador de fruticultura, como professor na UFPB/USP e consultor da Revista Econômica do Nordeste. Tem vários trabalhos e artigos publicados.

Pedro Carlos Gama da Silva, *chefe-geral da Embrapa Semi-Árido.*

Engenheiro agrônomo pela Universidade Federal da Paraíba, com mestrado em Economia, com área de concentração em Economia Rural e doutorado em Economia Aplicada, área de concentração em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente. Ministrou aulas nos cursos de graduação e de pós-graduação da UFPB, Uneb, UFRPE, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária de Patos–PB e Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina. Foi assessor técnico regional da Emater-PB, supervisor de Difusão de Tecnologia, chefe adjunto de Desenvolvimento e de Comunicação e Negócios, e membro do comitê técnico interno da Embrapa Semi-Árido; presidente da Associação para o Desenvolvimento e Ação Comunitária do Vale do São Francisco; membro de bancas examinadoras de mestrado e de doutorado; e, integrante de missões brasileiras de estudos à França, Argentina e Chile. Autor e co-autor de inúmeros trabalhos técnico-científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, bem como de capítulos de livros nacionais e internacionais.

"A atividade frutícola no pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA expandiu-se rapidamente, firmando a região como importante pólo de produção de frutas no cenário nacional, voltado para os mercados interno e externo, apoiada pelas vantagens comparativas da grande potencialidade de recursos naturais, em especial as condições de clima semi-árido tropical, com temperaturas elevadas, alta insolação e grande disponibilidade de água para irrigação.

Vários outros fatores concorreram para a formação de um pólo frutícola na região. O principal deles deve-se à forte presença do Estado, onde o mais significativo foi, sem dúvida, no setor agrícola, com a construção de grandes projetos de irrigação. Além disso, os incentivos fiscais, financeiros e o apoio institucional oferecidos pelo Estado foram determinantes, assim como a ação do setor público com estudos e pesquisas destinados a dotar a região de uma base científica e tecnológica sólida, que viria apoiar os empreendimentos atuais.

Em torno dessa atividade instalou-se uma iniciativa privada dinâmica, que foi capaz de estruturar uma organização empresarial atuante, baseada em cooperativas, associações de produtores e alianças com setores da distribuição e com o Estado. Aqui, vale destacar o papel exercido pela Valexport como organização e *locus* da representação dos interesses empresariais.

Essas organizações têm propiciado ganhos em escala para os vários componentes do custo final da produção, atuando com uma logística de apoio comercial, contribuindo para a circulação das informações técnicas e de mercado e, também, exercendo o papel de controle da qualidade visando o desenvolvimento de uma marca para as frutas da região.

Dos cerca de 120 mil hectares irrigados cultivados com fruteiras na área de influência do pólo, estima-se que em torno de 22 mil sejam com manga e cerca de 10 mil com uva. Em 2004, foram exportadas 27.662 toneladas de uva e 102.286 de manga, respectivamente 96% e 93% das exportações nacionais.

Paralelamente ao esforço exportador das grandes empresas produtoras de frutas, comandado pela Valexport, surgem iniciativas isoladas de pequenos e médios produtores e esboçam-se novas formas de organizações, que perseguem uma inserção no mercado, nos espaços deixados pelos grandes produtores e exportadores, principalmente no mercado interno, a exemplo da Associação dos Produtores do Vale – Aprovale.

Aqui é preciso considerar o papel que desempenha o mercado interno e a função complementar que este tem com o mercado externo, inclusive, determinando a economia de escala que a atividade exportadora exige.

Nesse caso, trata-se de um conjunto heterogêneo de agentes com diferentes objetivos e estratégias de inserção no mercado, que procura responder à evolução da sofisticação de consumo com produtos condizentes com as qualidades exigidas pelos diversos mercados. As diferentes estratégias adotadas por esses agentes dão origem às mais diversas formas de estruturas organizacionais e arranjos institucionais."